

ALMA

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

1982-2007

A ARQUEOLOGIA PORTUGUESA EM REVISTA

25



Teatro Romano de Lisboa:
os caminhos da descoberta

○ Ritual da Cremação
através da análise dos restos ósseos

Arqueologia Empresarial
e produção do conhecimento

IIª Série | n.º 15
Dezembro 2007
12 euros



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

ficha técnica

al-madan IIª Série, n.º 15, Dezembro 2007

Propriedade

Centro de Arqueologia de Almada
Apartado 603 EC Pragal
2801-601 Almada PORTUGAL
Tel. / Fax 212 766 975

E-mail secretariado@caa.org.pt

Registo de imprensa 108998

Http://www.almadan.publ.pt

ISSN 0871-066X



Capa Luís Duarte de Barros e Jorge Raposo

Composição gráfica sobre fotografia de escavação
arqueológica na olaria romana do Porto dos Cacos.
(Alcochete, 1990).

Fotografia © Jorge Raposo/Centro de Arqueologia de Almada

Depósito Legal 92457/93

Director Jorge Raposo (directoralmadan@clix.pt)

Conselho Científico Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção Rui Eduardo Botas, Ana Luisa Dineto,
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Colunistas Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Victor Mestre,
Luís Raposo, António Manuel Silva e Carlos Marques da Silva

Colaboram neste número Associação Profissional de
Arqueólogos, Maria de Fátima Abraços, Mita Simões de Abreu,
Elsa Albuquerque, Maria José de Almeida, Miguel Almeida, Sara
Almeida, Pedro Barros, Filipa Bragança, Sandra Brazuns, Jacinta
Bugalhão, Guilherme Cardoso, António Rafael Carvalho, Pedro
Sobral de Carvalho, António Chénay, Manuela Coelho, José Correia,
Miguel Correia, António Costa, Eugénia Cunha, Manuela de Deus,
Adriano De Mm, Ana Luísa Duarte, Lídia Fernandes, Isabel Cristina
Fernandes, Ângela Ferreira, Maria Teresa Ferreira, Nádia Figueira,
Alexandra Figueiredo, Iola Filipe, Tiago Fomes, Ana Sofia Gomes,
Mário Varela Gomes, António Gonzalez, Amílcar Guerra, Constança
Guimarães, Maria João Jacinto, Vítor Oliveira Jorge, Maria do Jesus
Kremer, Francisco Saide Lemos, João Lizardo, Virgílio Lopes,
Sandra Lourenço, António Martins, Samuel Melo, Henrique Mendes,
Victor Mestre, Paulo Alexandre Montano, Rui Moraes, João Muralha,
António Nabais, Filipa Neto, Nuno Neuz, Maria João Neves,
Lucy Oosterbeek, Rui Parreira, Luís Pereira, Teresa Rita Pereira,
João Perpétuo, Miguel Pestoa, João Pimenta, Marina Pinto, Museu da
Cidade de Lisboa, Paulo Oliveira Ramos, João Raposo, Jorge Raposo,
Luís Raposo, Paulo Rahelo, Jorge David Sampaio, Severino Rodrigues,
Helena Ruz, Anabela P. de Sá, Raquel Santos, Suzana Pombo dos
Santos, Ana Raquel Silva, António Carlos Silva, António Manuel Silva,
Carlos Tavares da Silva, Filipa Condeso Silva, António Monge
Soares, Ana Margarida Vale, António Carlos Valeri, Gonçalo Leite
Velho, Alexandra Vieira e Gertrudes Zambujo

Publicidade Elisabete Gonçalves

Apoio administrativo Palmira Lourenço

Resumos Jorge Raposo (português), Luísa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico Vera Almeida e Jorge Raposo

Paginação electrónica Jorge Raposo

Tratamento de imagem Jorge Raposo e César Soares

Ilustração Jorge Raposo

Revisão Maria Grazieli Duarte e Fernanda Lourenço

Pré-impressão GC Design Ltd

Impressão Printer Portuguesa

Distribuição Centro de Arqueologia de Almada

Tiragem 1500 exemplares

Periodicidade Anual

Apoios Câmara Municipal de Almada e Câmara Municipal do Seixal

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E ENSINO SUPERIOR

Com esta edição, *Al-Madan* completa 25 anos de existência, quinze dos quais na presente série, a segunda, iniciada em 1992. É um longo percurso, durante o qual o projecto evoluiu, cresceu e ganhou projecção nacional, ao mesmo tempo que muita coisa mudava nas áreas temáticas a que se dedica, nomeadamente no que à Arqueologia respeita – a disciplina ganhou estatuto de formação académica e de ocupação profissional; o seu “objecto” de aplicação diversificou-se e alargou-se a novas temáticas e “terrenos”; as metodologias complexificaram-se e enriqueceram-se no contacto com outras áreas de saber; as instituições de tutela substituíram-se umas às outras, ao sabor de diferentes orientações estratégicas (ou da falta delas!); a iniciativa privada ocupou gradualmente espaços antes assegurados pela administração pública ou abertos pelo forte crescimento da procura impulsionado por novos enquadramentos legislativos; os profissionais deram os primeiros passos no sentido da sua organização e auto-regulação; etc.

Boa parte desta transformação, radical sob muitos pontos de vista, está reflectida nas páginas dos volumes de *Al-Madan* publicados ao longo dos anos, a ponto da própria revista poder ser encarada como um dos protagonistas e agentes dessa transformação. Reflectir sobre o seu próprio percurso e sobre a história recente da Arqueologia portuguesa é, pois, o tema central desta edição.

Para tal recorreu-se ao discurso directo e informado de diversos outros protagonistas, que partilham com os leitores experiências pessoais e sínteses do que de mais relevante ocorreu nesse período, nos planos institucional, social, organizativo e associativo, mas também da relação com outras ciências e da produção de conhecimento em várias temáticas específicas, da Pré-História aos períodos medieval e pós-medieval, à museologia e à Arqueologia industrial.

O dossiê deste número inclui também um contributo para a cronologia sistemática da Arqueologia portuguesa do último quarto de século, a qual será também colocada no sítio Internet da *Al-Madan Online*, com possibilidade de actualização e incorporação futura de colaborações que a enriqueçam e permitam corrigir erros e omissões.

Aliás, consolidando a experiência positiva de anos anteriores, esta revista continua a ser produzida simultaneamente em papel e em formato digital, pelo que, quando se torna possível ler estas páginas, também está acessível mais uma *Al-Madan Online - Adenda Electrónica*, disponibilizada na Internet para difusão alargada de outros conteúdos originais, em formato PDF (<http://www.almadan.publ.pt>).

No seu conjunto, os leitores encontrarão certamente muitos e bons motivos de interesse sobre o passado recente e o presente da Arqueologia portuguesa, e matéria para uma reflexão informada quanto ao seu futuro próximo.

Jorge Raposo

3 **Editorial** | Jorge Raposo

5 **Actualidade**

- 11 **Crónicas de...** pré-história antiga | **Luís Raposo** | p. 8
 arqueologia clássica | **Amílcar Guerra** | p. 10
 arqueologia portuguesa | **António Manuel Silva** | p. 13
 arqueologia e museografia | **Mário Varela Gomes** | p. 15
 arqueologia e património | **Víctor Mestre** | p. 18



Arqueologia

21 **Detecção Automática de Villae** em meio rural no Portugal romano
 Helena Rua

28 **Teatro Romano de Lisboa:** os caminhos da descoberta
 e os percursos da investigação arqueológica
 Lídia Fernandes

40 Abordagem ao **Ritual Funerário da Cremação** através da análise dos restos ósseos
 Filipa Cortesão Silva

49 **O Povoado do Paço:** notícia preliminar
 Anabela P. de Sá e António Chéney

53 Estruturas e Contextos da **Idade do Ferro em Viseu**
 Sara Almeida, Pedro Sobral de Carvalho, João Perpétuo, Nádya Figueira e António Costa

Opinião

61 Inventário, Carta de Risco e **Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal:**
 o seu significado para a conservação do património musivo português
 Maria de Jesus Duran Kremer, Miguel Pessoa e Maria de Fátima Abraços

68 **Três Muralhas Urbanas** e alguns dos seus problemas
 Adriaan De Man

75 **Arqueologia Empresarial e Produção do Conhecimento:**
 uma análise crítica da situação portuguesa
 António Carlos Valera



83 especial | 1982-2007

A ARQUEOLOGIA PORTUGUESA EM REVISTA

Jorge Raposo, Luiz Oosterbeek, António Carlos Silva, Rui Parreira,
 Maria José de Almeida, Manuela de Deus et al., Francisco Sande Lemos,
 António Monge Soares, Eugénia Cunha, Luís Raposo, Mário Varela Gomes,
 Carlos Tavares da Silva, Amílcar Guerra, Isabel Cristina Fernandes,
 António Nabais e Paulo Oliveira Ramos

Património

143 **Minas de Carvão de S. Pedro da Cova:** breves apontamentos
 Alexandra Vieira



149 **Livros** | 152 **Eventos** | 156 **Noticiário Arqueológico** | 169 **Notícias**

171 **A Descoberta** | 174 **Escavando on-line** | 178 **Recortes**

Minas de Carvão de S. Pedro da Cova (Gondomar, Porto)

breves apontamentos

por Alexandra Vieira

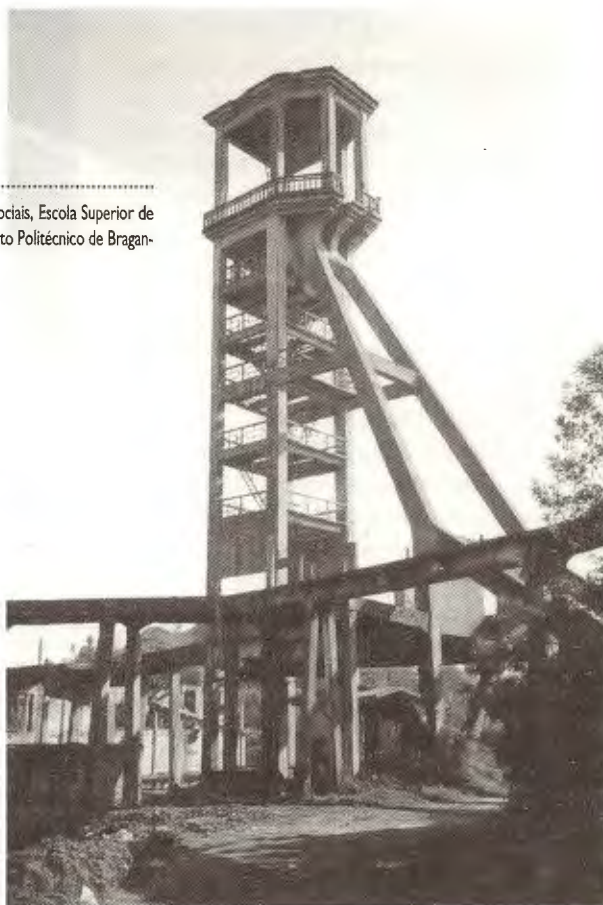
Arqueóloga. Departamento de Ciências Sociais, Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Mirandela - Instituto Politécnico de Bragança (alexandra.vieira@gmail.com).

1. Introdução

As Minas de Carvão de S. Pedro da Cova foram um elemento fundamental na vida de centenas de pessoas que desde o início do século XIX se deslocaram para a freguesia de S. Pedro da Cova (Gondomar) em busca de trabalho. Esta unidade mineira constituiu um complexo industrial do processo de industrialização oitocentista praticamente desconhecido e cujo estudo se encontra numa fase muito embrionária. Neste momento, apresenta um avançado estado de destruição, à excepção do Cavalete de S. Vicente, em *Vias de Classificação* pelo IPPAR desde 1996¹, e que tem merecido algum interesse por parte da população local.

A origem deste pólo de extracção mineira prende-se com a Bacia Carbonífera do Douro, que chegou a possuir 14 minas de antracite e a produzir três quartos da produção nacional. Esta formação desenvolve-se longitudinalmente, entre a margem Norte do Rio Ave e Gafanhão (Castro Daire), apresentando uma largura variável cuja maior extensão se localiza em S. Pedro da Cova, onde atinge 300 metros. Assim, das proximidades de Fão, passando por Rates, S. Pedro da Cova, e atravessando o Douro até Arouca, estende-se a maior faixa de terreno permocarbónico do País, sendo a de S. Pedro a mais importante das concessões mineiras desta bacia (OLIVEIRA 1979: 264).

A longevidade desta produção reflecte-se na toponímia local: no Lugar de Ervedosa, a Praceta das



↑ Figura 1

O Poço de S. Vicente, hoje símbolo emblemático das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova.

Britadeiras²; no Lugar de Farrobo, a Rua Poço de Fátima e a Rua Poço de Jesus; no Lugar de Minas a Rua das Minas e a Rua dos Mineiros; no Lugar do Passal, a Rua dos Tanques.

É com algum pesar que assistimos, ano após ano, à degradação das instalações mineiras, cujo valor patrimonial é acrescido quando se considera o seu papel na construção da Identidade da população

¹ Encontra-se em *Vias de Classificação* o "Cavalete de extracção de carvão e instalações do poço de S. Vicente da Mina de S. Pedro da Cova, incluindo a casa da Malta" (IPPAR 2007).

² As "britadeiras" eram as mulheres que partiam o carvão em pequenos pedaços.

r e s u m o

Divulgação da história e dos dispositivos materiais das minas de carvão de S. Pedro da Cova (Gondomar, Porto), onde se explorou esse minério entre 1795 e meados do século XX. A autora alerta para o estado de degradação deste importante património e apela à sua recuperação, bem como do Museu Mineiro, inaugurado em 1989 mas que hoje não caracteriza condignamente quase dois séculos de história das comunidades locais.

p a l a v r a s c h a v e

Idade Contemporânea; Século XX; Património; Mineração; Ferro; Musealização de sítios; Museologia.

a b s t r a c t

Information on the history and materials from the mines of S. Pedro da Cova (Gondomar, Porto), where coal was mined between 1795 and the middle of the 20th century.

The author draws attention to the state of decay of this important heritage and appeals to the need for its conservation alongside the Mining Museum, which was inaugurated in 1989 but does not characterise adequately almost two centuries in the history of local communities.

k e y w o r d s

Contemporary age; 20th century; Heritage; Mining; Iron; Site Musealisation; Museology.

r é s u m é

Divulgação de l'histoire et des dispositifs matériels des mines de charbon de S. Pedro da Cova (Gondomar, Porto), où ce minerai a été exploité entre 1795 et la moitié du XX^e siècle. L'auteure met en garde au sujet de l'état de délabrement de cet important patrimoine et appelle à sa récupération, ainsi que celui du Musée Minier, inauguré en 1989 mais qui aujourd'hui ne caractérise pas dignement presque deux siècles de l'histoire des communautés locales.

m o t s c l é s

Epoque contemporaine; XX^e siècle; Patrimoine; Exploitation minière; Fer; Sites-Musées; Muséologie.

de S. Pedro da Cova. Com efeito, quase todas as famílias têm ou tiveram alguém que trabalhou nas minas e a própria paisagem circundante possui as marcas de 170 anos de exploração do minério.

Assim, dado o grande interesse deste elemento patrimonial, o objectivo neste texto é, através dos parcos documentos encontrados sobre este assunto, contribuir para um melhor conhecimento da história e dos dispositivos materiais das Minas de Carvão de S. Pedro.

2. Breve história da exploração das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova

As referências históricas sobre o lugar de S. Pedro da Cova, embora escassas, são relevantes pela sua antiguidade: em 1134 é mencionado numa doação de D. Teresa aos Ermitães de S. Pedro da Cova; em 1379, Afonso III concedeu ao Bispo do Porto a jurisdição civil sobre o “*Couto de S. Pedro da Cova, no Julgado de Gondomar*”; e em 1460, a Câmara do Porto deliberou “*opor-se às pretensões do Bispo em lançar a excomunhão a todos aqueles que cortassem madeira ou fizessem carvão [...] no Couto de S. Pedro da Cova*” (PACHECO 1986: 39).

Do século XVIII chega-nos o relato: “... andavam uns agricultores a trabalhar no campo, quando foram aquecer o comer. E, redor à lenha, puseram umas pedras para pousar os tachos. Quando deram por ela já a pedra ardia também. Desde aí várias experiências foram feitas e abriram as minas” (*idem*: 41).

Esta história, contada pelo mineiro Manuel da Silva, terá ocorrido em 1795, quando Manuel Alves Brito reconheceu e pôs a descoberto uma ou duas camadas de carvão, no sítio denominado o Enfeitador, em Ervedosa, freguesia de S. Pedro da Cova. Tal descoberta motivou o início da exploração a título individual destes recursos, mediante uma licença que obtivera do governo, abrindo os trabalhos na propriedade pertencente ao Padre Manuel Dias.

Porém, quando o governo foi informado da abundância e boa qualidade do combustível que se extraía deste depósito, e dos lucros que daí poderiam resultar, “*determinou que se cassasse a licença concedida a Manuel Brito havia um ano, e encarregou depois a direcção da lavra e a administração da mina a um frade e Dr. Jacinto que foi nomeado tesoureiro*” (MONTEIRO e BARATA 1889: 290). Mais tarde, em 1804, foi nomeado José Bonifácio de Andrade e Silva para intendente geral das minas.

Durante esta primeira administração, todo o combustível que se extraía era vendido aos “*carreiros*”³, que o compravam e conduziam em carros de bois até ao Porto e povoações vizinhas. É nesta dinâmica que a exploração se torna progressivamente mais rentável e é alargada a Norte, entre Vila Verde e Ervedosa, e a Sul, entre a Devesa e o Passal. Por volta de 1820, com a exploração das minas de antracite, dá-se início à “*mo-*

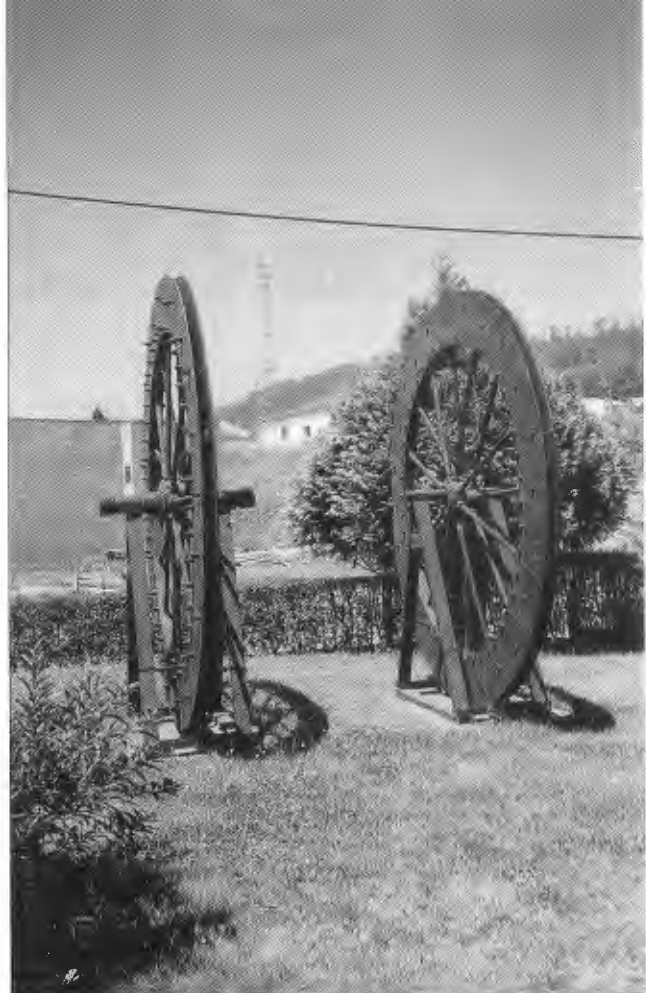


Figura 2 →

“*Andorinhas*” ou roldanas que puxavam a “*jaula*” ou elevador (encontram-se no Jardim do Museu Mineiro).

derma industria mineira” em Portugal. Até 1825 – altura em que o Governo arrendou a lavra à Companhia das Minas de Gondomar –, foram extraídas 68000 toneladas de carvão. O auto da demarcação da mina para exploração de carvão de pedra, na freguesia de S. Pedro da Cova, realizou-se a 23 de Abril de 1849 e foi ratificado na sessão municipal de 16 de Maio de 1849 (OLIVEIRA 1983: 160).

Entre 1849 e os inícios do séc. XX a Mina esteve na mão de particulares, entre os quais o Conde de Faro, que obteve a sua concessão definitiva em 1854. Até 1852 a exploração foi muito irregular, pouco abundante e nociva para a própria mina. O sistema adoptado era o dos “*talhes laterais*”, enchendo o vazio dos desmontes com entulhos trazidos da superfície.

Quanto ao funcionamento propriamente dito da mina, em meados de 1852, depois da extracção, uma longa fila de rapazes passava de mão em mão cubos de madeira com o carvão extraído, que a uns 60 metros da boca do poço era lançado em vagonetas, puxadas para a superfície por quatro bois, que iam fazendo girar os “*malacates*”⁴. As galerias eram amplas e a madeira (o pinho existente nas serras vizinhas) era utilizada no escoramento (jugo, capas e escoras). A iluminação era feita com candis de azeite, “*porque quase não há grisu*”⁵ (OLIVEIRA 1979: 265).

Entre 1825 e 1849 foram extraídas 115 000 toneladas de carvão e, até 1887, mais de 147 000. Nesta altura a exploração atingira 140 metros de profundidade e 320 m de extensão. O avanço da mineração ameaçava mesmo a estabilidade do edifício da Igreja da freguesia. O *Visitador* de 1840 relata: “... é de urgentíssima necessidade construir de novo a igreja pa-

³ Os “*carreiros*” eram aqueles que guiavam o carro de bois.

⁴ “*Malacato*” ou “*sarilho*”: máquina receptora destinada a utilizar o trabalho muscular dos animais, transformando-o em movimento circular contínuo, directamente aplicável aos aparelhos.

⁵ “*Grisu*” significa luz, iluminação.



← Figuras 3 e 4 ↑

À esquerda, vista parcial da Lavaria, onde se procedia à lavagem do carvão (fotografia cedida por Serafim Gesta).

Em baixo, o aspecto actual do edifício, onde é visível a destruição que ocorreu no espaço de 20 anos.



roquial, por baixo da qual ou junto à qual não sigam as Reais Minas de Carvão; porquanto esta igreja matriz acha-se num estado tão ruinoso que ameaça sepultar debaixo das suas ruínas os paroquianos que nela concorrem” (PACHECO 1986: 40). Assim, a igreja paroquial existente no séc. XVIII teve de ser reconstruída por volta de 1860.

Em 1887, os poços principais eram o de Oliveira e o Poço Novo, ou Constância, descendo aos 60 metros. Até esta altura, o processo era basicamente o mesmo, ou seja, o minério era elevado em pequenos cubos de madeira que uma longa série de rapazes escalonados nos poços interiores passava de mão em mão. As águas dos pisos inferiores eram elevadas por meio de bombas de madeira movidas à força humana.

Em 1914, a Mina de S. Pedro da Cova produziu 25 000 toneladas de antracite, os mineiros eram 393 e os poços atingiram 146 metros; em 1932 produzirá 183 000 toneladas. Aqui os poços eram: S. Pedro, Bimbarra, Farrobo, S. Vicente, Poço Novo, etc. Existiam dezenas de poços, com designações diversas, aludindo a santos e pessoas. Atravessavam vários pisos (máximo de seis nesta altura), estando o de S. Vicente, o quarto piso, a 157 metros abaixo da boca do poço. Entre eles abriam-se travessas, denominadas canais, esgotos, óculos e chaminés. Nos poços, as temperaturas regulavam entre os 18° e os 24°, atingindo, no entanto, graduações mais elevadas. A situação sanitária era degradante.

A produção de carvão apresenta uma diminuição de 1930 para 1932, mas volta a subir, atingindo em 1939 um aumento de 60 % em relação a 1932. O principal jazigo é o de S. Pedro da Cova, cuja produção regula por 65 % da produção total de carvão. Segue-se o Couto Mineiro do Pejão, no concelho de Castelo de Paiva. Em 1930 foi instalada uma Lavaria para 15/20 toneladas/hora (NOGUEIRA 1939: 8).

Desde 1934 que a extracção foi feita exclusivamente pelo Poço de S. Vicente, estando este equipado de forma notável, permitindo o aumento da extracção e a diminuição das despesas de exploração. Do equipamento faz parte um cavalete de betão armado com a altura total de 38,5 metros.

A exploração de cinco camadas era feita em quatro andares, estando o 4º andar à cota de 157 metros da boca do Poço de S. Vicente (*idem*: 9).

Vizinha desta mina era a do Passal de Baixo, ocupando uma área de 45 hectares. Produziu, de 1879 a 1889, 10 000 toneladas de carvão e, nela, o poço Teixeira atingiu 105 metros de profundidade e 180 de extensão. Em Montalto e Ervedosa localizou-se, por volta de 1882, outra mina, mas quando chegaram aos 100 metros de profundidade, o excesso de água tornou-a impraticável. A produção era menor do que as restantes, devido à estreiteza e pequena altura das galerias, sendo de realçar o facto dos mineiros trabalharem deitados no desmonte do carvão (PACHECO 1986: 41).

3. Estruturas e equipamento das minas de carvão

3.1. Poço de S. Vicente (1921)

O acesso ao interior da mina era realizado através dos poços. Este era o poço principal da Companhia das Minas, através do qual se fazia a deslocação do pessoal e do próprio carvão extraído no fundo da Mina.

Aqui estavam situados os maiores e os mais importantes estabelecimentos das minas, tais como a oficina de preparação mecânica, central eléctrica com força de 500 cavalos e os escritórios. Existia também uma carpintaria, onde era feita a montagem das máquinas, e uma oficina onde eram feitas as reparações, assim como armazéns.

O Poço de S. Vicente tornou-se o principal poço de extracção de carvão desde 1935 até ao encerramento das minas, em 1970. Em 1921 estava já a ser construído, com o objectivo de substituir todos os anteriores poços da zona Sul. Pensava-se que iria permitir a extracção entre 500 a 800 toneladas diárias de carvão (COMPANHIA... 1921).

Figura 5 e 6

À direita, "toldas" (depósitos de carvão) e silos de carga para "zorras" eléctricas, que aqui eram carregadas.

Em baixo, uma dessas "zorras" (eléctricos usados para o transporte de carvão).



Em 1934 deu-se início à remodelação do antigo cavalete em madeira, que ficou concluída em 1936 (DGEMN 2007). Era uma estrutura de betão armado, com uma altura aproximada de 13 pisos, encimada por uma torre de seis andares de circulação, na qual se situavam as "andorinhas" ou roldanas que puxavam a "jaula" (ou elevador).

Possuía uma estrutura de circulação das "berlinas"⁶ que eram puxadas até ao exterior e cujo conteúdo, o carvão, era levado para a Lavaria e para o Terreiro, a fim de aí se proceder ao seu tratamento. Geralmente os carvões sofriam uma crivagem grosseira antes de entrarem na oficina de preparação manual.

A Casa das Máquinas era o edifício onde se localizavam as máquinas que accionavam as "andorinhas" ou roldanas do Cavalete do Poço de S. Vicente. Este cavalete era uma estrutura de betão e ferro, cuja energia provinha de uma central eléctrica situada no topo do morro.

Foram igualmente construídas estruturas de apoio em betão armado, tais como oito silos para carga de "zorras"⁷, com uma capacidade para cerca de 500 toneladas, e seis silos para carga do Cabo Aéreo, com uma capacidade de cerca 450 toneladas. As zorras eléctricas faziam a ligação entre as Minas e o Porto, providenciando um transporte alternativo aos carros de bois e ao Cabo Aéreo (DGEMN 2007). Este último fazia a ligação entre as minas e os seus depósitos na cidade do Porto e também com a rede ferroviária, através da estação de Rio Tinto. No Porto, mais concretamente no Monte Aventino⁸, terminava o cabo aéreo, local onde a Companhia das Minas de S. Pedro da Cova possuía edifícios industriais, grandes depósitos e uma fábrica de "briquetes"⁹ (COMPANHIA... 1921).

⁶ As "berlinas" ou "vagonetas" serviam como veículos de transporte do carvão desde o interior das minas até à Lavaria; eram semelhantes a um pequeno vagão em forma de pirâmide invertida, que circulava sobre carris, puxado por pessoas ou animais.

⁷ Veículo eléctrico usado para o transporte do carvão entre S. Pedro da Cova e a cidade do Porto.

⁸ Na zona das Antas. Hoje em dia, ainda existe a Rua do Monte Aventino.

⁹ Mistura de pó de carvão amassado com um aglutinante (piche), a que se dá a forma de tijolo e é utilizado como combustível.

As minas eram ainda compostas por outros edifícios, entre os quais casas de lavoura, cooperativa, casa da direcção, farmácia, escola e moradia de empregados.

A par deste conjunto de edifícios e equipamentos, subsistem hoje em dia outras marcas na paisagem deixadas pela intensa actividade mineira. Referimo-nos aos amontoados de terra negra que foram sendo acumulados ao longo dos dois séculos de mineração e testemunham, como qualquer outro elemento, todo o sistema de produção que subjaz à exploração do carvão em S. Pedro da Cova.

3.2. Museu Mineiro (Casa da Malta)

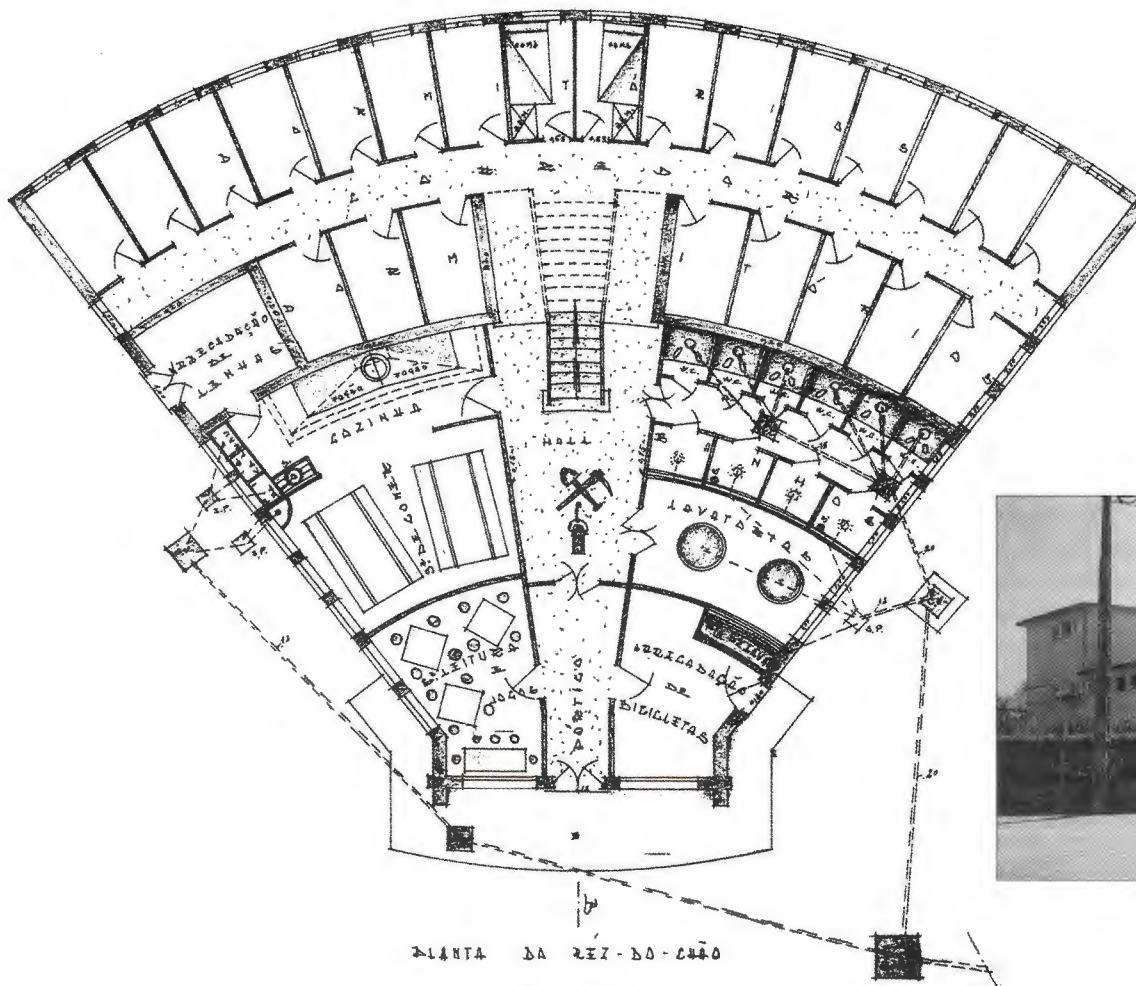
O edifício foi construído em 1962 para albergar os mineiros que não possuíam habitação própria e que vinham de locais distantes. Hoje alberga todo o espólio da antiga Companhia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova, tendo sido inaugurado o Museu Mineiro em 1989.

É um edifício de dois andares. O rés-do-chão possuía as seguintes divisões: sala de leitura e de jogos, arrecadação de bicicletas, lavatórios, sala de refeições, cozinha, quartos de banho, arrecadação de lenhas e dormitório com 24 quartos. O 1º andar tinha capacidade para 28 camas (ou quartos). As divisões dos quartos eram exíguas (notem-se as marcas no chão, que ainda hoje mostram onde assentavam as paredes). Na sua maioria os quartos possuíam uma janela, embora um pouco alta.

3.3. Bairros Mineiros: Ervedosa e Passal

Os bairros mineiros de Ervedosa e do Passal eram os locais onde viviam os mineiros e suas famílias. O Bairro de Ervedosa era composto por filas de casas térreas, com uma margem de terreno à volta, na qual se localizavam os quintais das respectivas casas. As primeiras casas do bairro operário começaram a ser construídas em Dezembro de 1920. Perdurariam até Agosto de 2001, período em que foram destruídas as últimas casas pertencentes a este aglomerado populacional, para dar lugar a um bairro social.

As casas eram construídas à base de xisto (cuja extracção era feita em pedreiras próximas) e argamassa, mas até há cerca de 40 anos ainda existiam algumas casas em madeira, que no início do funcionamento das minas constituiria a matéria-prima fundamental utilizada na sua construção.



↑ Figuras 7 e 8

Planta do rés-do-chão da Casa da Malta (cedida por Serafim Gesta) e imagem do edifício, entretanto adaptado a Museu Mineiro.

As casas dos mineiros eram pequenas e podiam variar de tamanho, consoante se destinassem a famílias ou mineiros sozinhos que vinham de longe. Eram compostas por uma sala (utilizada também como quarto), uma cozinha e um quarto; além destes espaços, quase todas as casas tinham quintais.

É de salientar que nestes bairros a hierarquização laboral reflectia-se ao nível do tipo e qualidade das casas que os diferentes habitantes poderiam usufruir. Assim, os encarregados tinham casas melhores que o resto da equipa, enquanto que aos engenheiros, médicos e directores eram atribuídas pequenas “vivendas”.

Não havia abastecimento de água. Este era feito através de fontes naturais ou fontanários. A iluminação provinha de gasómetros alimentados a carvão e a água.

4. Testemunhos da vida dos mineiros

A vida dos mineiros era muito difícil, sobrevivendo muitos deles e respectivas famílias em condições de vida muito degradantes e de grande pobreza. As famílias eram normalmente muito numerosas, com cerca de 6/7 filhos, cuja maioria começava desde cedo a desempenhar algumas tarefas na mina, como era o caso das raparigas, que a partir dos 5/6 anos andavam, tal como as mulheres adultas, com a “giguinta ¹⁰ à cabeça”. Também os rapazes efectuavam pequenos trabalhos, indo para o fundo dos poços por

volta dos 14/15 anos. O espaço destinado a momentos lúdicos era praticamente inexistente, sendo também o tempo livre escasso.

Os testemunhos que se apresentam de seguida foram recolhidos por Serafim Gesta no seu livro *Minas de S. Pedro da Cova: um grito rompe o silêncio* (1981), e dão-nos uma visão da vida destas pessoas.

T1 – José António Moreira da Silva: [...] *Na jaula (elevador) só desciam os pinchas, os chefes, os capatazes e... os cavalos. O resto da manúia ia pela passage. Mas... como tinham que pegar às 6, tinham de estar já dentro da mina, às cinco e meia e aqueles que vinham de muito longe, tinham que se levantar ainda mais cedo. Quer-se dizer, entravam dentro da mina, gastavam tempo no caminho e gastavam o carboneto que era comprado pelos mineiros e enchedores!*

T2 – António Martins Ferreira: *Havia um cavalo chamado... espanhol. Era bravo! Para ir para o fundo, era preciso dar-lhe broa ou sêmea, para ele ir entretido. Mas a gente com a fome que tinha, comiamos-lhe a sêmea.*

T3 – Alvarinho Oliveira Soares: *Tive ocasiões que me apetecia aleijar. Até me aleijei por crer. O Porfírio (médico) não me queria dar baixa e eu assarriado (irritado) tinha que fazer aquilo. O trabalho era duro, mano, era. Se era duro! Andei nas marcas mais quentes, corri tudo. Às vexes andava-se numa marca, quase de rastros, com o “piru”. Era muito baixinho, muito baixinho...*

¹⁰ Cesto para transporte de carvão.

T4 – Manuel de Sousa: *Eu sou de Belói. O meu pai era da mina, a minha mãe acartava queiró do monte. Fui para a mina com 8 anos. Compraram uma giguia à feição de eu poder e espetaram comigo, a acartar carvão. [...] Aos 12 anos, meteram-me no fundo. Fui para o poço Penedo. Eram uns carrinhos que levavam carvão e como eu não podia com eles, puseram-me a limpar os regos da água.*

T5 – António Barros: *Aquilo era tão quente que a gente para encher um carro, tinha de o fazer por duas vezes, porque o chão escaldava.*

T6 – Rosa Oliveira: *Fui trabalhar para o poço Novo [...]. Tinha sete anos [...]. Mas lá também trabalhavam comigo mulheres que vinham de Penafiel, de Sobrado e outras terras. Faziam a comida na mina e dormiam num quarto de madeira. O meu serviço era giguinha à cabeça. Pegava de manhã às seis ou sete, não havia horário certo. Logo que houvesse muito carvão cá fora... Arreava-se quando acabasse o serviço [...].*

T7 – Albino Gaspar: *Eu tinha oito anos quando fui para a mina. Às vezes vinha a fiscalização e os patrões mandavam a gente fugir para a murta e a gente ia apanhar moliço e lenha para empatar o tempo.*

T8 – Boaventura Ferreira: *Sou de Mesão Frio - Penafiel. Vim do Pejão para estas minas, por ser mais perto, para mim. Era casado. Quando cá cheguei, deram-me um quarto de madeira, no Passal. Apanhei muito frio, porque eram quatro tábuas pregadas ao alto! A cama era um bocado de carqueja, a fazer de colchão - carqueja que eu ia roubar ao monte sujeitando-me a ser caço e a ser castigado!...*

T9 – António Martins Serra: *Nós, ao Domingo passáva-mo-lo por aí, porque até não podíamos calçar-nos. Os dedos dos pés estavam cortados da água férrea.*

Os destacados nos diferentes testemunhos apresentados remetem para a dureza das condições de vida dos mineiros. A dor (T9), a fome (T2) e a dureza das condições materiais de vida (T1, T3, T5 e T8) são aspectos muito realçados nos relatos.

5. Notas finais

As informações que temos para contar a história das minas de carvão são escassas e encontram-se bastante dispersas. Os espaços que fizeram parte das antigas minas estão transformados pelo crescimento de casas e construção de estradas; o único elemento patrimonial que tem sido alvo de atenção especializada e por parte da comunidade é o Cavalete de S. Vicente; o Museu Mineiro encontra-se desorganizado e não caracteriza condignamente estes dois séculos de História desta Vila. Neste sentido, deve ser dada uma palavra de apreço e agradecimento a Serafim Gesta, que tem dedicado grande parte da sua vida à recolha de documentos e elementos para o seu estudo, sendo de destacar o registo dos testemunhos das muitas pessoas que por lá passaram.

Recuperar o Museu Mineiro constitui, neste sentido, uma forma de intervir directamente sobre o Património material ao qual toda esta actividade está associada. Este local poderia transformar-se num verdadeiro espaço de conhecimento e reconhecimento do trabalho de todos aqueles que trabalharam nas Minas de Carvão de S. Pedro da Cova durante os seus cerca de 170 anos de laboração. É de destacar que uma iniciativa deste tipo vem de encontro às expectativas da comunidade local que, tal como a autora, se encontra afectivamente ligada a este conjunto patrimonial.



Referências bibliográficas e electrónicas

- AGUIAR, José Mário Escudeiro de (1996) – *Monografia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova*. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto [trabalho prático da disciplina de Geologia e Metalogénese de Portugal, policopiado].
- ALMEIDA, Augusto Farinas de (1929) – “A Bacia Carbonífera do Norte e a Solução Termoeléctrica do Problema de Electricidade no Norte de Portugal”. *Separata de Boletim da A.E.C.N.P.* Ano 3 (1).
- ALMEIDA, Augusto Farinas de (1940) – *As Novas Instalações do Poço de S. Vicente da Mina de Carvão de S. Pedro da Cova*. Lisboa: Soc. Astória / Ministério do Comércio e Indústria, Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos (publicado no Ano das Comemorações Centenárias da Ind. e Rest. de Portugal).
- CAMPOS, Jorge de (1957) – “Elementos Para a História da Administração Mineira nos Sécs. XII a XVI”. *Estudos, Notas e Trabalhos*. Porto: Serviço de Fomento Mineiro. 12 (3-4).
- COMPANHIA das Minas de S. Pedro da Cova (1921) – *As Suas Instalações*.
- COMPANHIA das Minas de S. Pedro da Cova (1923) – *Relatório da Direcção de 1921 a 31 de Julho de 1923*. Porto: Imprensa do Norte.
- COMUNICAÇÕES dos Serviços Geológicos de Portugal (1951) – Lisboa. 32. 1ª parte.
- ESTATUTOS da Companhia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova (1935) – Porto: Tipografia Académica.
- FREIRE, J. L. Silva (1981) – “Bacia Carbonífera do Norte de Portugal. Os jazigos de S. Pedro da Cova e do Pejão”. *Estudos, Notas e Trabalhos*. Porto: Serviço de Fomento Mineiro. 24 (1-4).
- GESTA, Serafim (1981) – *Minas de S. Pedro da Cova: um grito rompe o silêncio*. Edições do Autor.
- GESTA, Serafim (1985a) – *As Minas e os Transportes. 1: os carreteiros*. Edições do Autor.
- GESTA, Serafim (1985b) – *As Minas e os Transportes. 2: as zorras e os eléctricos*. Edições do Autor.
- MONTEIRO, Severiano e BARATA, João Augusto (1889) – *Catálogo Descritivo da Secção de Minas*. Lisboa: Imprensa Nacional / Associação Industrial Portuguesa (Catálogo da Exposição Nacional das Indústrias Fabris).
- NOGUEIRA, A. de Mello (1939) – “Elementos para o Estudo da Indústria Mineira em Portugal nos Anos 1930 a 1939”. *Boletim de Minas de 1939*. Lisboa: Ministério da Economia, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.
- OLIVEIRA, Camilo de (1979) – *O Concelho de Gondomar*. Porto: Livraria Avis. Vol. I.
- OLIVEIRA, Camilo de (1983) – *O Concelho de Gondomar*. Porto: Livraria Avis. Vol. IV.
- PACHECO, Hélder (1986) – *O Grande Porto: Gondomar, Maia, Matosinhos, Valongo e Vila Nova de Gaia*. Lisboa: Editorial Presença.
- DIRECÇÃO-GERAL dos Edifícios e Monumentos Nacionais (em linha). Pesquisa ao Sistema de informação: inventário. Disponível em <http://www.monumentos.pt> (consultado em 2007-09-07).
- INSTITUTO Português do Património Arquitectónico (em linha). Pesquisa de Património. Disponível em <http://www.ippar.pt> (consultado em 2007-09-07).